

Funaro acha que países credores podem aceitar redução de remessas

O GLOBO

Dívida Externa

12 MAR 1986

Foto de Juan Carlos Gomez



Funaro, após encontro com Sarney

BRASÍLIA — Os Governos dos sete países visitados nos últimos dez dias pelo Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, já compreenderam que o Brasil não deve cortar o ritmo de seu crescimento econômico e estão dispostos a discutir mecanismos para o refinanciamento da dívida brasileira, que permitam uma redução no volume de dinheiro transferido para o exterior sob a forma de juros.

Este foi, em síntese, o relato que o Ministro Funaro fez ontem ao Presidente José Sarney sobre os contatos que manteve com governos credores. Sarney — conforme relato de Funaro — concluiu que as negociações estão no caminho certo, com a mudança no nível das discussões. Antes, o problema da dívida era colocado como um esforço que o País deveria fazer para pagar o seu débito. Agora, segundo Funaro, a questão foi colocada como um problema de responsabilidade dos credores e devedores.

— Todos eles entenderam muito bem que nenhuma nação pode exigir de outra que viva em recessão e nem comprometer o crescimento de um outro país, disse o Ministro.

Funaro descartou a idéia do Brasil recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI), adotando um programa de ajustamento interno previsto nos acordos do tipo “stand by”, pelo qual o Brasil teria que voltar a gerar excedentes de exportação para pagar os juros da dívida externa.

— Nós dissemos a eles que o Brasil não vai voltar a ter esta posição, afirmou o Ministro.

Informou, porém, que os governos das nações visitadas defenderam a tese de que é necessário que um organismo internacional — com o FMI — seja utilizado como canal para di-

vulgar os seus compromissos e programas. Este tipo de relacionamento, no seu entender, é diferente do que seria mantido se o País firmasse um acordo “stand by”.

Os representantes dos governos visitados concordaram também, conforme as informações de Funaro, em fazer um estudo sobre a crise financeira internacional, a partir do pressuposto de que é um problema que envolve credores e devedores.

— Até hoje tinha sido muito fácil eles chegarem para os devedores e dizerem “consigam superávits comerciais e saiam da crise sozinhos.”

O Ministro reclamou do tratamento dado pelos bancos aos seus devedores, retardando por nove a dez meses, a aprovação dos programas apresentados por alguns países para o refinanciamento da dívida. Isto, na sua opinião, não é bom para as nações que estão programando seus investimentos.

Funaro descartou ainda a idéia do Brasil aprovar um programa para baixar a inflação, de forma a atender exigência dos credores. A inflação, segundo o Ministro, não é um componente importante para que os bancos recebam o pagamento da dívida. Ele sustenta a sua posição citando que nos últimos cinco anos, com uma inflação alta, o Brasil pagou integralmente o serviço de sua dívida — num total de US\$ 44 bilhões — recebendo em troca apenas US\$ 11 bilhões em financiamentos.